

Bebê Rena e os agenciamentos desejantes contemporâneos

Baby Reindeer and the contemporary desiring assemblages

DOMENICO HUR¹

Resumo: *Bebê Rena* narra a relação entre uma stalker, Martha, e sua vítima, Donny, e foi uma das séries televisivas mais assistidas de 2024. O objetivo deste ensaio é refletir sobre o agenciamento desejante formado por Donny e Martha, para discutir os fluxos desejantes na contemporaneidade. O método utilizado foi uma cartografia sobre o seriado e usamos alguns conceitos da esquizoanálise para refletir sobre a trama. Elaboramos três tópicos para discutir os acontecimentos emergentes: agenciamentos desejantes, as práticas de confissão nas sociedades de controle e os fluxos desejantes na contemporaneidade. Consideramos que o circuito desejante retratado é o mesmo do atual diagrama de forças sociais, em que *Bebê Rena* aborda nossa própria relação problemática com o desejo.

Palavras-chave: Esquizoanálise. Psicologia. Seriado televisivo.

Abstract: *Baby Reindeer* portrays the relationship between a stalker, Martha, and her victim, Donny, and was one of the most watched television series of 2024. The purpose of this essay is to reflect on the desiring assemblage formed by Donny and Martha, in order to discuss desiring flows in contemporary society. The method employed was a cartography of the series, and we utilized concepts from schizoanalysis to reflect on the narrative. We developed three topics to discuss the emerging events: desiring assemblages, confessional practices in control societies, and desiring flows in contemporary times. We argue that the desiring circuit portrayed is the same as the current diagram of social forces, wherein *Baby Reindeer* addresses our own problematic relationship with desire.

Keywords: Schizoanalysis. Psychology. Television series.

Introdução

No ano de 2024 a série televisiva *Bebê Rena* estreou na plataforma digital Netflix, sendo um dos seriados mais assistidos no mundo e vencedor dos principais prêmios televisivos, como o Emmy, o Globo de Ouro, entre outros.

De modo resumido, *Bebê Rena* se baseia na história verídica de um homem, denominado como Donny, que é perseguido por uma mulher de meia idade e pouco atraente, Martha, que fica obcecada por ele, após ter sido acolhida em um momento de tristeza no pub onde Donny trabalha. Tal obsessão vai se

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: domenicohur@hotmail.com

intensificando a tal ponto em que ela se torna sua perseguidora, sua stalker, chegando a enviá-lo centenas de mensagens e persegui-lo em sua casa e em seu trabalho. Mas o que chama a atenção do público é que ele não se afasta de Martha, não chama a polícia para defender-se e inclusive até chega a reforçar sua obsessão por ele.

Nesse sentido, o objetivo deste ensaio é refletir sobre o agenciamento desejante formado por Donny com Martha, bem como por ele com outras personagens do seriado, para discutir os fluxos desejantes na contemporaneidade.

Inúmeros textos foram escritos por psicólogos, filósofos e comunicadores acerca deste seriado em websites, em que grande parte utiliza conceitos da psicanálise para discuti-lo. Em nosso caso, visamos utilizar alguns conceitos da esquizoanálise, criada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, para refletir sobre os circuitos desejantes que operam nesta trama e derivar algumas questões sobre o desejo no presente.

O método utilizado foi uma cartografia (Rolnik, 1989; Passos, Kastrup & Escóssia, 2010) sobre os episódios do seriado, em que selecionamos algumas passagens que apresentaram maior intensidade (Hur, 2021), sendo assim enunciadoras de acontecimentos. Para empreender nossa discussão elaboramos três tópicos: agenciamentos desejantes, as práticas de confissão nas sociedades de controle e os fluxos desejantes na contemporaneidade.

Agenciamentos desejantes

Em *Bebê Rena* surgem várias questões ao público que assiste a série. Por exemplo, por que Martha se obsessa com Donny? Ou por que Donny permite que esse laço persecutório se perpetue, mesmo ela sendo aversiva a ele? Constatase que são questões que individualizam o desejo em jogo, como se a resposta estivesse apenas na conduta pessoal de uma das personagens, ou seja, refere-se a uma psicologização dos processos. Nessa individualização/psicologização busca-se as respostas para cada conduta em ações individuais, em que costumeiramente patologiza-se as personagens, seja a stalker supostamente louca, ou o sujeito perdido. Possivelmente, uma explicação psicologizante para o que ocorre na série

tomaria a “carência” de cada um dos dois como o que causa o drama em jogo. Isto é, veria o desejo como restituição de uma falta, de uma lacuna, de uma carência, que parte de cada personagem.

No senso comum, o desejo é visto como algo individual, pertencente a alguma pessoa, ou mesmo estando associado ao prazer e à sexualidade. Contudo, para Deleuze e Guattari (1980a) o desejo não pode ser reduzido ao prazer, ou à festa, ou querer de uma pessoa, pois se consubstancia mais como uma força (Deleuze, 1968) polívoca, que banha todos os processos (Deleuze & Guattari, 1975). Nesse sentido, o desejo não pode ser considerado isoladamente, pois ele agencia diferentes elementos, conectando-os num plano que não preexiste, e só passa a existir com a propagação dos fluxos desejantes (Deleuze & Parnet, 1977).

Dessa forma, um primeiro deslocamento que o pensamento deleuzo-guattariano nos oferece é que o desejo não é individual, mas parte de agenciamentos coletivos. Assim, o desejo forma agenciamentos, conectando, banhando, os diferentes elementos em jogo, ou seja, não é que o desejo parta apenas de Martha, ou de Donny, mas ambos são elos banhados no circuito desejante que os dois compõem. Por elos, queremos enunciar que são como ‘estações’, ‘pontos de parada’, no circuito desejante (Hur, 2020a), em que são ao mesmo tempo constituintes e constituídos por este agenciamento.

Deste modo, não se deve tomar apenas as ações da stalker, Martha, mas também da vítima perseguida, Donny, em que se deve analisar o agenciamento formado entre os dois enquanto um circuito desejante composto por ambos, em composição, que forma um plano comum.

A narrativa do seriado traça uma inversão entre os polos, em que visibiliza em primeira instância o lugar que a vítima ocupa nessa relação de perseguidor-perseguido, e em segunda instância as condutas da stalker. Retrata a situação paradoxal em que Donny se encontra. Mesmo que não goste das condutas de perseguição de Martha sobre si, ele passa a reforçá-la. Mesmo que ela não lhe seja atraente sexualmente, ele chega inclusive a se masturbar olhando sua foto. Em certo momento da trama, Donny a procura para ter uma relação sexual com ela. Constata-se que muito longe de desejá-la, ou amá-la, o protagonista de série se fixa no posicionamento que ocupa neste agenciamento desejante: de ser o foco do

olhar, do amor e do desejo de Martha, mas pouco lhe dando em troca. Assim ele busca ser objeto de desejo do outro, preenchendo seu corpo, e retribuindo apenas com o suficiente para manter o laço. Portanto formam um circuito em que há um vetor desejante intenso direcionado de Martha a Donny, mas no sentido inverso há um vetor esqualido, apenas o suficiente para manter o circuito (ver Figura 1).

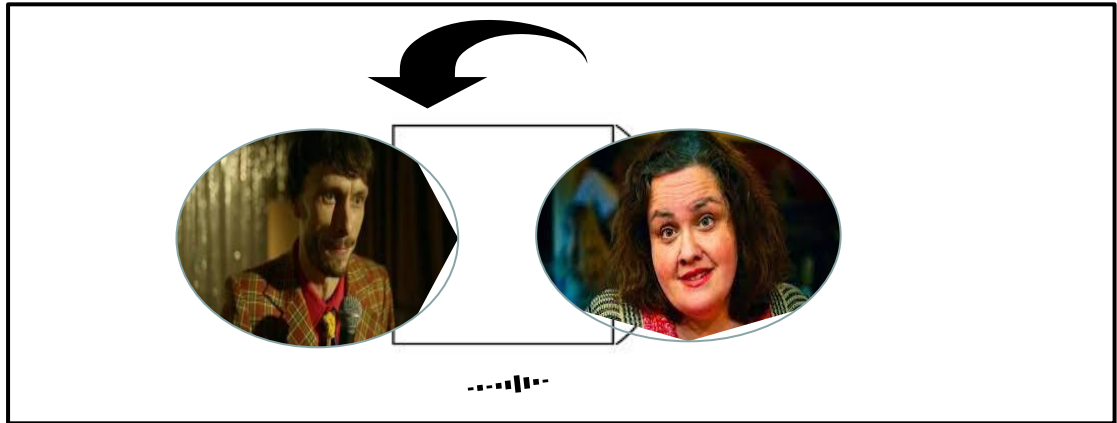


Figura 1: Circuito desejante formado entre Donny e Martha (Fonte das imagens: Netflix).

Constata-se que neste circuito, não há uma afirmação e expressão dos investimentos desejantes de Donny. Seu desejo não é o que ele quer e afirma, muito pelo contrário, ele busca apenas ser fonte do olhar e do desejo do outro polo que compõe o circuito, neste caso, a stalker, Martha. Ele visa ser o polo do investimento do desejo e reconhecimento do outro, por mais que este outro possa lhe ser desagradável. Assim, neste circuito, Donny se torna apenas o receptor dos fluxos desejantes de Martha, retornando-lhe um fluxo quase inexistente, apenas para manter a permanência deste circuito vicariante. É como se ele estivesse com um corpo esvaziado que necessitasse ser preenchido pelo desejo do outro, ansiando encher seu corpo com intensidades (Hur, 2020b), quaisquer que sejam. O psicanalista Jacques Lacan afirma que o desejo do sujeito é o desejo de outro, como uma forma de ter uma espécie de completude, satisfação. Na Psicologia Social e na Filosofia também se aborda o lugar fundamental que o Outro ocupa na constituição do Eu. Neste caso, não totalizamos esse aforismo de Lacan, pois compreendemos que este agenciamento desejante constituído é situacional, característico da operação de um corpo esvaziado buscar se preencher e que nesse processo preponderantemente resulta num corpo cheio (Baremblytt, 1998) e não em um corpo sem órgãos pleno e orgiástico (Deleuze; Guattari, 1980a; Hur, 2022).

Então seus fluxos desejantes, de modo sintético, captam os fluxos de fora para dentro, mas não se constitui numa cadeia de retroalimentação, de dentro para fora; ficam estancados em si, na idealização da constituição de um corpo cheio, que obstaculiza as passagens dos fluxos na rede, podendo causar um curto-circuito.

Tal agenciamento desejante nos mostra que a stalker não é a única “responsável” pelo que ocorre, pois ela também está envolta, capturada, neste circuito desejante. Donny estabelece uma modalidade de vinculação com as pessoas que reforça o exercício desse olhar do outro sobre si. Ele repete a infinita necessidade do investimento desejante do outro, por mais que esse outro possa ser uma pessoa aparentemente odiável e que lhe cause uma série de problemas em sua vida pessoal. Assim Donny mantém sua perseguidora, pois anseia por seus elogios, sua afeição, seu olhar, ocupando uma suposta posição desejante de submissão. Evidentemente ele não pode ser considerado como o culpado por ser perseguido por uma stalker, mas houve uma composição entre os dois polos deste agenciamento desejante.

Sua posição desejante se repete com as pessoas que ele ‘ama’. Como Donny se comporta como uma espécie de ‘buraco negro’, um corpo marcado por vetores de forças centrípetas que necessita dos investimentos do outro, mas que nada dá, ele não desfruta de sua vida, de um desejo afirmativo e de sua potência, mas ao contrário, vive uma impotência. Donny não consegue manter uma ereção, ter uma relação sexual prazerosa com sua antiga namorada, nem com Teri, a atual, que ele considera ser a mulher mais linda do mundo e que ama mais do que qualquer outra coisa. Não afirma sua potência, pois somente é alimentado pelo investimento desejante do outro, sem conseguir cumprir a retroalimentação energética no circuito. Talvez por isso os homens em tempos de sociedade de controle geralmente busquem medicações como o Viagra e a Tadalafila, pois vivem um esvaziamento do desejo, uma impotência, mas querem simular uma alta performance sexual ao olhar do outro.

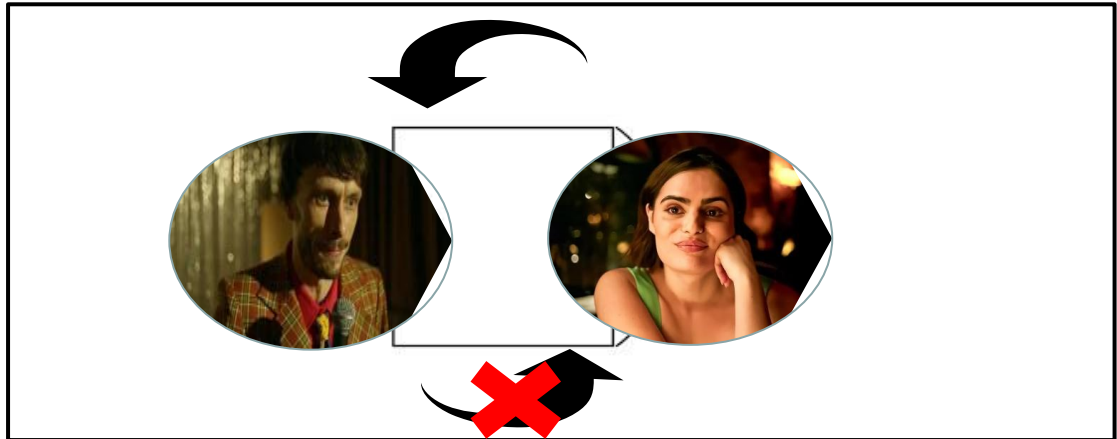


Figura 2: Circuito desejante formado entre Donny e Teri (Fonte das imagens: Netflix).

Na Figura 2 se visibiliza o circuito formado entre Donny e Teri. Há vetores desejantes direcionados de Teri ao protagonista da série. Ele conscientemente a admira e a ama. Contudo seus fluxos desejantes neste circuito estão bloqueados por duas razões. Primeiro, devido seu próprio posicionamento desejante de querer ser apenas o receptor dos fluxos desejantes, e dificilmente ser o emissor. Segundo, Teri é uma mulher trans. Assim, mesmo que Teri seja uma bela mulher, com um bom emprego, afetuosa e acolhedora, Donny se envergonha por ter uma namorada que tenha rompido as fronteiras da cisnormatividade e não a assume publicamente. Decorre-se assim um bloqueio no circuito desejante, em que o sintoma pode ser a impotência, ou mesmo o autoboicote à relação conjugal.

No decorrer dos episódios, Donny, a ‘vítima’, cada vez mais se desnuda apresentando toda sua complexidade e paradoxalidade do seu lugar desejante. Esse circuito desejante tem uma convergência direta com sua situação laboral. Ele trabalha como bartender, mas tem o sonho de ser um artista, um comediante de stand up. Contudo, suas apresentações são pífias, de baixo calão, com pouco público e quase nenhum reconhecimento social e artístico. Assim, cada vez mais necessita da aceitação e atenção desse outro, qualquer que seja, para preencher seu corpo.

Essa modalidade de vinculação levou Donny a situações muito perigosas, tal como o envolvimento com o diretor-produtor Darrien. Com a necessidade de reconhecimento laboral e ser objeto-receptor de desejo desse outro, tornou-se vulnerável a ataques de predadores. Como uma possibilidade de conseguir uma ‘assessoria’ no mundo artístico passou a se encontrar com o produtor diversas

vezes. Os encontros passaram a ser no apartamento de Darrien, onde Donny se lançou a intensas experimentações com vários tipos de drogas que lhe foram oferecidas. Em diversas ocasiões em que estava bastante entorpecido, e incapaz de se defender, foi abusado sexualmente. O paradoxo é que ele se manteve sendo violentado, pois voltava à casa do estuprador, numa situação conscientemente muito desprazerosa a si, mas que mantinha o circuito desejante instituído em jogo. Destaca-se que de forma alguma estamos culpabilizando a vítima do abuso sexual, mas que tal posicionamento desejante o deixou mais vulnerável aos ataques do violador.

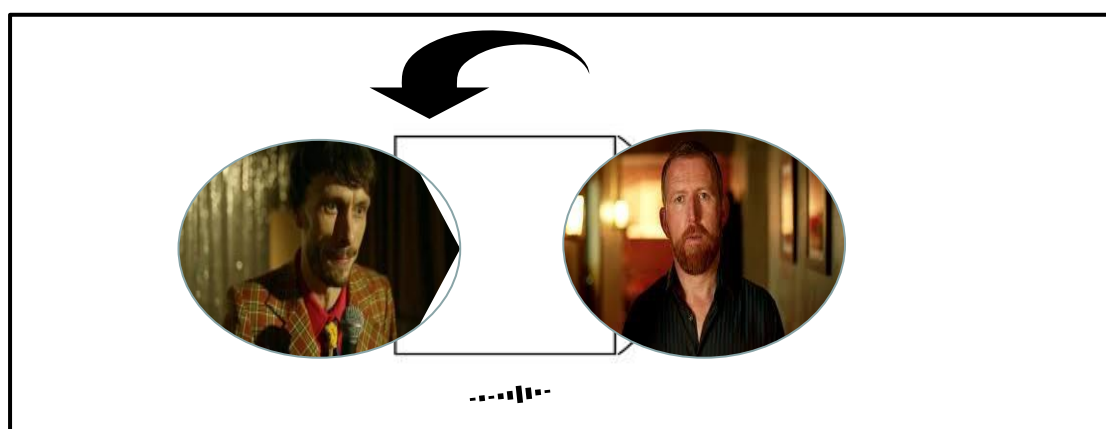


Figura 3: Circuito desejante formado entre Donny e Darrien (Fonte das imagens: Netflix).

Na Figura 3 se visibiliza que Donny manteve o mesmo circuito desejante que compôs com Martha. Submeteu-se às investidas de Darrien, sem nutrir investimentos desejantes, ou sexuais, a ele, mas apenas a esperança de conseguir uma futura melhoria na vida artística laboral. Assim, tolerou ser receptor do desejo da stalker, ser objeto de desejo do predador, deixando de lado a expressão de seu desejo afirmativo. A repetição desse agenciamento desejante o levou a estas situações muito arriscadas de captura e violência bastante traumáticas.

As práticas da confissão nas sociedades de controle

A série chega ao seu ápice no momento catártico da confissão. Donny, no meio de uma apresentação de comédia malfadada tem uma espécie de epifania, revelando toda sua intimidade, traumas, máscaras, bloqueios etc. Realiza uma confissão pública para o auditório presente, numa descarga energética tomada

como uma espécie de redenção pessoal. A confissão pública no show viraliza nas redes sociais digitais. Em seguida realiza a confissão aos pais acerca de sua sexualidade, numa cena cheia de culpabilidade, choro, mas que é bem acolhida pelos seus progenitores. É o quase ‘final feliz’ da história.

A catarse da confissão parece ser uma dobra, uma transformação, uma linha de fuga, a instauração de um novo diagrama de forças. Contudo é e não é ao mesmo tempo, pois essa situação repete seu sintoma, reproduz o mesmo circuito desejante em que está inserido. Repete o mesmo agenciamento em outra esfera, fora do par conjugal, para um público mais amplo, sejam os pais, ou uma audiência de desconhecidos. É um ritornelo (Deleuze & Guattari, 1980b) que atinge outras audiências, assim há tanto uma espécie de progressão, o deslocamento das fronteiras, mas também a repetição do mesmo ciclo operativo.

Sua prática da confissão total visa alcançar uma espécie de reconhecimento, de perdão, de expiação, por uma instância superiora. Tal como uma confissão ao Padre, em que buscamos o perdão de Deus, ou como, neste caso, Donny busca o olhar e reconhecimento de duas instâncias distintas de poder: os pais e o público, que podem expressar a Lei e o Mercado respectivamente. Os pais devem aceitar sua sexualidade fora da norma social instituída, já a audiência deve reconhecer seu talento, mesmo que seja às custas de toda sua intimidade, mesmo que ele seja alvo de pena. É performatizada uma transparência total com o público, em que Donny confessa seus aspectos mais íntimos e escondidos como forma de atrair o olhar do outro.

281

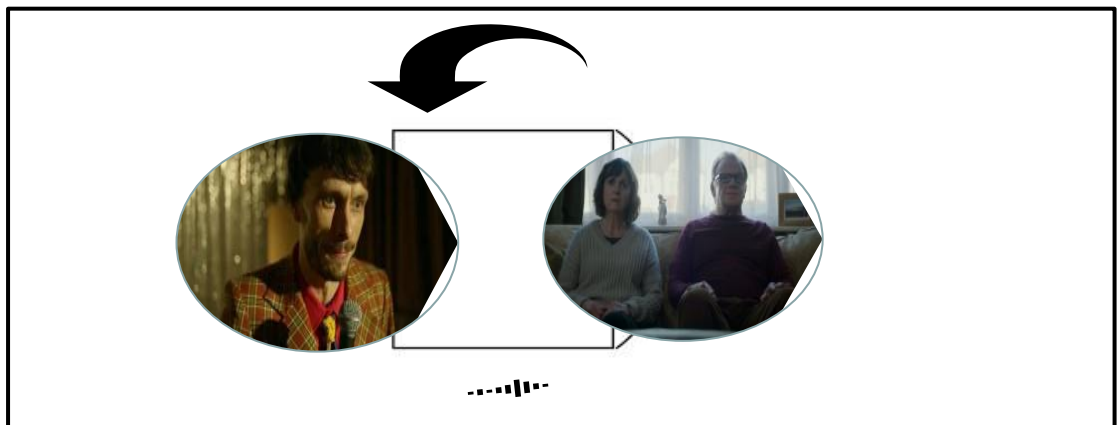


Figura 4: Circuito desejante formado entre Donny e seus pais (Fonte das imagens: Netflix).

A cena em que Donny faz a confissão a seus pais é cheia de culpabilidade, choro e a necessidade de aceitação. É como se ele estivesse se desculpando por não ser um homem heterossexual padrão, por não se encaixar nas normas sociais sexuais tradicionais. E o veredito dos pais é fundamental a ele nesse circuito. Donny quer o reconhecimento dos pais, e não afirmar sua afeição por eles. Consideramos que neste agenciamento (Figura 4) ele reproduz o mesmo circuito desejante atualizado com Martha e Darrien.

Conjecturamos que neste circuito desejante, Donny reproduz o agenciamento edipiano, em que visa elaborar a castração, aceitando a interdição da Lei (seus pais). Contudo seus pais não o julgam, nem o punem, mas o acolhem, possibilitando assim uma dobra na lógica edipiana. Como resultado ele poderia afirmar seu desejo, pois a 'lei externa' lhe permitia isso, mas permaneceu no mesmo agenciamento instituído. Também pode-se conjecturar que Donny atualizou essa mesma captura edipiana com Martha e Darrien. Hipotetizamos que a stalker presentificou o arquétipo de uma mãe hiper afetuosa que lhe nutria com muito amor incondicional (mesmo que sufocante), e o abusador presentificou a figura de um pai violador, um 'déspota' que não continha seu desejo, sobrecodificando os fluxos sociais a partir de seu corpo (Deleuze & Guattari, 1972). Mesmo sendo situações desprazerosas, ele estava preso nessa configuração vincular, sofrendo infortúnios devido às características distintas dos diferentes elementos que compõem a mesma equação.

Nesse sentido, a confissão de Donny não foi uma linha de fuga ao circuito desejante despotencializador, mas sua revivescência em outras esferas. Continuava a necessitar do grande investimento desejante do outro, pouco dando em troca, nessa necessidade de preencher seu corpo. E mesmo logrando esse investimento, continuava de certo modo bloqueado, esvaziado, com pouca potência. Portanto, atualiza este mesmo circuito desejante na sua relação com seu público idealizado, o Mercado, que idealmente lhe possibilitaria deixar de ser bartender para tornar-se um artista profissional.

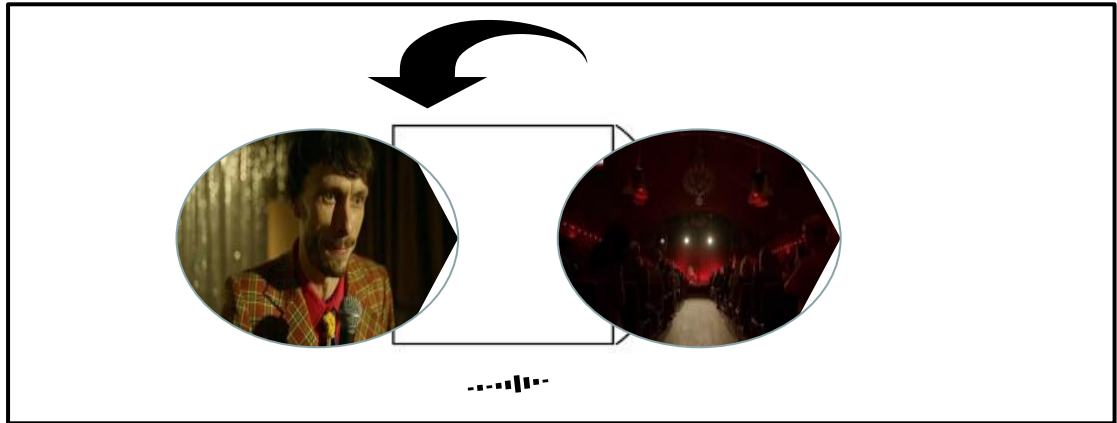


Figura 5: Circuito desejante formado entre Donny e o público de desconhecidos (Fonte das imagens: Netflix).

Deste modo, o que poderia parecer o grande êxito de Donny, a produção de visibilidade de sua performance, é a intensificação do mesmo ritornelo operado desde o início da narrativa (Figura 5). Sua prática de confissão pública, nessa transparência total, ao mesmo tempo em que pode ser uma fissura para desvios e novas rotas, foi um modo de lograr capturar a atenção do outro. Nas sociedades de controle (Deleuze, 1990), na governamentalidade no campo aberto da cidade, deve-se criar algo com grande impacto para capturar a atenção de um público disperso. Então contar seus segredos, os aspectos íntimos mais vergonhosos, funciona como um dispositivo noo-político (Lazzarato, 2006; Hur, 2013) para obter o olhar do público e uma forma de reconhecimento. Destaca-se que Donny sempre buscava fabricar essa atenção de uma audiência de desconhecidos; no início de sua carreira fazia esquetes humorísticas de baixo calão em pubs e no cume da narrativa, realizou sua confissão total para um grande público. Então não é a performance apenas para agradar o outro, arrancar seu riso, mas principalmente é a necessidade de ser notado, reconhecido, por este outro, qualquer que seja. Ele teve que desnudar-se completamente para ser tomado como objeto de visibilidade, e quem sabe de desejo, deste outro. Despir-se a esse público de anônimos é submeter-se ao seu terceiro agente violador, agora uma audiência de desconhecidos, que com um prazer voyeurístico, debruça-se hipnotizada sobre sua narrativa. Portanto, mesmo que se torne um êxito artístico, comercial e financeiro, se não romper este circuito desejante, continuará reproduzindo o mesmo modo de vida despotencializador.

Fluxos desejantes na contemporaneidade

A modalidade de análise que empreendemos aqui corre o risco de parecer psicologizar a questão discutida depositando este circuito desejante apenas em Donny, que de vítima, poderia ser visto como o culpado na trama. Mas não queremos individualizar a questão e sim vislumbrar como funcionam os agenciamentos coletivos em que ele está enredado. Além disso, visamos ampliar ainda mais a trama, saindo das fronteiras do próprio seriado para refletir sobre os circuitos desejantes na contemporaneidade. Consideramos que Bebê Rena é tão impactante, fez tanto sucesso e é importante nos dias atuais, porque não fala apenas da stalker, do abusador, nem da vítima, mas também de nós próprios em tempos de redes sociais digitais nas sociedades de controle.

Hipotetizamos que o circuito desejante atualizado por Donny é o mesmo que é operado hegemonicamente no atual diagrama de forças sociais. No campo aberto, móvel e difuso da cidade, cada um de nós também almeja ser o receptor de intensos fluxos desejantes, independente se criamos ou não uma cadeia de retroalimentação, a qual o protagonista da série não conseguiu constituir. O circuito desejante constituído em tempos de neoliberalismo é o mesmo atualizado por Donny, que dirige os investimentos desejantes ao próprio Eu (Hur, 2022), gerando uma espécie de erotização do ego, isto é, uma egotização. Assim, ao invés de se constituir uma composição mais potente, e consequentemente um corpo mais potencializado, resulta-se um corpo cheio, fechado e isolado. Então não é apenas Donny que busca ser o olhar do outro a qualquer custo, que expressa esse corpo esvaziado, um poço sem fundo, que nutre uma voracidade de querer ser preenchido pelo desejo do outro e que precisa de atenção permanente, qualquer que seja. É o nosso *zeitgeist*, o espírito da época atual. A dificuldade de se afirmar, de dizer não, a paralisia, o esvaziamento do desejo, em prol do investimento desejante do outro, a vontade de ser reconhecido e ser objeto de alguma afeição por esse outro, não importa quem seja, um louco, um violador, um monstro, alguém sem qualidades. Isto é, queremos ser amados, mas não amamos (ou dizemos que amamos para manter o vínculo). Por isso Donny Dunn é o emblema do posicionamento desejante do sujeito na contemporaneidade.

Nessa dinâmica não importa o que sou, o que sinto, o que anseio, mas sim em produzir alguma visibilidade, produto ou performance que consiga o máximo de likes de uma população anônima, que provavelmente nunca irei conhecer, e que talvez nem goste e despreze. Darrien e Martha representam parte do público que buscamos monopolizar a atenção na sociedade de controle, mas que nos enreda numa trama perigosa e traumática, devido a permeabilidade deste circuito desejante. Buscamos o reconhecimento da Lei parental e também da Lei do mercado, neste caso do público de desconhecidos que queremos agradar, não importa quem seja. Agradar não porque gostamos deles (pois nem o conhecemos!), mas porque ansiamos por seus investimentos desejantes, mesmo que sejam pessoas odiáveis e aviltantes.

E por outro lado, talvez nós mesmos também ocupemos o lugar de stalkers contemporâneos, seguindo e sugando a vida do outro, controlando-o, buscando conhecer seus recônditos mais secretos, possivelmente devido a mesma insegurança e falta de afirmação da própria potência. Bebê Rena somos nós em nossa relação problemática com o desejo, em que constituímos um circuito desejante paradoxal, que ao mesmo tempo em que buscamos nos preencher com o investimento desejante do outro, podemos refletir só esvaziamento e impotência.

A trama termina com um final em aberto, em que Donny se desloca do papel primeiramente ocupado, agora sendo acolhido por um bartender desconhecido em outro pub. Este final pode deixar a entender a remota hipótese que ele possivelmente poderia estar trocando de lugar com Martha, tornando-se o novo stalker de uma nova narrativa. Consideramos essa hipótese muito difícil de ocorrer, pois não houve acontecimentos que mostrassem que Donny rompeu, fissurou ou se moveu no circuito desejante constituído. E neste caso, ao ocupar o outro polo do circuito, ele teria que direcionar um fluxo desejante intenso a este outro, que não nos parece possível neste momento devido a seu alto grau de despotencialização. Por outro lado, sua linha de fuga e possibilidade de reinvenção seria a vazão de sua afirmação desejante por Teri. Saltar o bloqueio instituído (ver Figura 2), em que poderia constituir um circuito onde as intensidades passassem e não ficassem apenas represadas em si. Num agenciamento onde efetivamente pudesse constituir um corpo sem órgãos, de raspagem, desconstrução de si, de

esvaziamento de seu corpo cheio, em que as intensidades circulassem nessa composição entre-dois, constituindo uma associação mais potente. Em desviar-se do jugo do olhar do outro desconhecido e idealizado, sair do vício da necessidade do reconhecimento do outro anônimo, para assumir a potência da afirmação da diferença do real que o circunda.

Referências

BAREMBLITT, G. *Introdução à esquizoanálise*. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 1998.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle [1990]. In: DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Capitalismo e Esquizofrenia: O Anti-Édipo* [1972]. São Paulo, Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor* [1975]. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* [1980a], vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* [1980b], vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

HUR, D. U. Da biopolítica à noopolítica: contribuições de Deleuze. *Lugar comum*. n. 40, p. 201-215, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321173904_Da_biopolitica_a_noopolitica_contribuicoes_de_Deleuze. Acesso em 07 jun. 2025.

HUR, D. U. Desejo e política em Deleuze: máquinas codificadora, neoliberal, neofascista e esquizodramática. *POLIÉTICA*. Revista de Ética e Filosofia Política, vol. 8, n. 2, p. 173-202, 2020a. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/PoliEtica/article/view/50130/34280>. Acesso em 07 jun. 2025.

HUR, Domenico U. A Clínica do Corpo sem Órgãos: Esquizoanálise e Esquizodrama. *Revista Porto Arte*, vol. 25, n. 44, p. 1-21, 2020b. <https://doi.org/10.22456/2179-8001.110078>

HUR, Domenico U. Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. *Práxis Educacional*, vol. 17, n. 46, p. 1-18, 2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i46.8392>

HUR, D. U. *Esquizoanálise e Esquizodrama: clínica e política*. Campinas: Alínea, 2022.

HUR, D.

LAZZARATO, M. *Políticas del acontecimiento*. Buenos Aires: Tinta Limón ediciones, 2006.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. São Paulo: Hucitec, 1989.

Submissão: 07.06.2025

/

Aceite: 14.07.2025